

OS DESAFIOS DA TRADUÇÃO LITERÁRIA: UMA ANÁLISE DA TRADUÇÃO DE “MISS CLAIROL”, DE HELENA MARÍA VIRAMONTES

Priscila Campello¹, Gislene Torres², Carolina Rosa^{3*}

PUC Minas

Resumo

Neste estudo, pretende-se realizar uma breve análise sobre o ato tradutório do conto “Miss Clairol”, de Helena María Viramontes. Partindo do princípio teórico da noção de tradução livre, sobretudo, como um processo essencialmente criativo, destacam-se as soluções dos problemas encontrados durante a leitura e a tradução do conto de Viramontes. O processo de tradução, na perspectiva linguístico-cultural, permitiu a produção de significados por meio de tomadas de decisões que pareciam as mais acertadas para que a expressão literária pudesse ser mantida na narrativa.

Palavras-chave: Miss Clairol; tradução livre; tradução literária; língua-cultura; literatura de imigrantes.

Abstract

In this paper, we intend to briefly analyse the translation act of Helena María Viramontes' short story “Miss Clairol”. Based on the theoretical assumption of free translation, mainly as an essentially creative process, we highlight the solutions to the problems we have encountered as readers and translators of Viramontes' story. The translation process in this linguistic-cultural perspective enabled us to produce meanings through decision-making that seemed the most appropriate to maintain the literary expression in the narrative.

*
¹ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8113-4606>; Email: priscilascampello@gmail.com

²
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6849-0227>; Email: gislenetorres807@gmail.com

³
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7718-0773>; Email: carolinacoelho16@hotmail.com

Keywords: Miss Clairol; free translation; literary translation; language-culture; immigrant literature.

1. Introdução

Este trabalho é resultado da tradução do conto “Miss Clairol”, da autora chicana Helena María Viramontes, realizada pelo grupo de pesquisa “Filhos do exílio”, cujo objetivo é a tradução e a divulgação de textos literários de autores contemporâneos imigrantes nos Estados Unidos.

O grupo foi criado em 2015, com o objetivo de traduzir e disseminar textos contemporâneos da literatura de imigrantes de língua inglesa, preferencialmente nos Estados Unidos, desconhecidos do público de língua portuguesa. A princípio, o grupo era composto por apenas alguns alunos da graduação do Curso de Letras da PUC Minas (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais), situada em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Atualmente, o grupo abrange 40 membros entre professores do Curso, alunos e ex-alunos da Pós-Graduação e da Graduação de Letras. A metodologia adotada pelo grupo é dividida em três etapas: 1ª) um texto escolhido pela coordenadora é passado a um dos membros, que tem de 30 a 45 dias para traduzi-lo; 2ª) após a tradução, esse texto é encaminhado para um segundo membro do grupo, que irá revisá-lo; 3ª) os dois textos são devolvidos para a coordenadora, que os revisa e tenta fechar uma versão final, sempre com a anuência dos dois membros e discussão sobre as escolhas. Para se chegar a um texto final, há várias trocas de sugestões, comentários, dúvidas, nas quais os membros, junto com a coordenadora, buscam não só discutir as melhores soluções para cada problema encontrado, mas também apontar os critérios utilizados no processo. Desse modo, a elaboração de cada tradução dá-se de forma coletiva, na qual os três sujeitos têm voz ativa no passo a passo proposto, para que, então, um texto conciso, coerente e adequado ao público de língua portuguesa seja finalizado.

Além disso, é também proposto ao grupo que se reflita e escreva sobre o processo para que se registre, conforme faremos a seguir, como cada tradução foi desenvolvida.

O conto “Miss Clairol” integra a antologia de textos escritos por mulheres intitulada *Latina: women’s voices from the borderlands* e editada por Lillian Castillo-Speed em 1995; cujos demais textos também estão em processo de tradução pelo grupo.

Ao longo do trabalho de tradução de “Miss Clairol”, mostrou-se necessária uma análise reflexiva de questões específicas que foram alvo de uma discussão mais aprofundada e das escolhas realizadas pelos tradutores. Aqui, neste artigo, então, serão discutidas algumas das abordagens teóricas que consideramos essenciais para traduzi-lo, bem como os desafios e as estratégias que se foram delineando durante o processo do ato tradutório.

2. Breves pressupostos teóricos

Tendo em vista que ainda não existe uma teoria unificada que defina a tradução, mas sim diversas posturas teóricas que compreendem a natureza da tradução em seu aspecto polissêmico e proposital, tomamos como ponto de partida, para traduzir “Miss Clairol”, o princípio teórico da noção de tradução livre, ou seja, ao contrário da tradução literal, que ocorre pelo sentido e não por palavra por palavra. Nesse caso, a abordagem teórica escolhida deve-se também à consideração — a qual acreditamos que todo tradutor deve adotar — em relação ao gênero textual, no processo do ato tradutório, cuja função predominante é a expressão literária.

Também nos baseamos nas ideias de José Pinheiro de Souza (1998), que considera a tradução literária como um processo essencialmente criativo, uma vez que, pelo processo de substituição, ocorre a produção de significados. Para o autor, a tradução não é uma reprodução do texto original, mas uma substituição de significados da língua de partida para

a língua de chegada, daí o conceito de negociação desenvolvido por Umberto Eco em *Dizer quase a mesma coisa sobre a tradução*, retomado por Souza na citação abaixo:

Com base nessa perspectiva, já que todo tradutor é, antes, um leitor, toda tradução terá que ser, em primeiro lugar, um processo de identificação e de interpretação/produção de significados, em relação à compreensão leitora do texto original e, em segundo lugar, um processo de substituição e de produção de significados em relação ao texto de chegada. (Souza, 1998, p. 56-57).

Assim, buscamos tomar a tradução do conto “Miss Clairol” como um processo de recriação literária ao trazermos para o texto traduzido uma realidade e uma interpretação que estejam presentes, de maneira equivalente, no texto de partida. Falamos de equivalência porque, de acordo com Paulo Henriques Britto (1999, p. 2), “quanto ao aspecto da homologia entre original e tradução [...], é impossível achar correspondências exatas entre dois textos escritos em línguas diferentes”.

Entendemos, então, que a língua de partida e a língua de chegada do conto, a inglesa e a portuguesa, respectivamente, são frutos de culturas distintas. E, tendo isso em vista, como tradutoras, não poderíamos levar somente em conta o aspecto estrutural dessas línguas, pois a falta de consideração de que existe, para além do sistema linguístico, um contexto cultural, que se constitui por meio de elementos extratextuais, faz com que cometamos equívocos de natureza semântica durante a tradução. Por isso, percebemos que é necessário, no processo de tradução, considerarmos a língua como língua-cultura.

Nessa perspectiva, a tradução se torna mais difícil devido à busca de sentido para fazer com que o texto de chegada seja compreendido pela cultura alvo, na mesma proporção que o texto de partida foi compreendido na cultura fonte. Encontramos muitos percalços ao traduzir o conto e, na tentativa de transpô-los, fizemos muitas pesquisas, primeiro em uma condição de leitoras e, depois, em uma condição de tradutoras.

Ler e interpretar “Miss Clairol”, para depois traduzi-lo, possibilitou uma recriação literária que, segundo Lana Araújo (2014), ora está mais próxima, ora está mais distante do texto de partida. Ao darmos preferência pela tradução literária numa perspectiva de produção de sentido, tentamos manter, assim, a função poética da linguagem do conto, de maneira que a expressão do conteúdo e a expressão dos efeitos estilísticos pudessem corresponder ao significado desejado.

3. Análise do conto “Miss Clairol”

Tratando especificamente do processo de tradução do conto “Miss Clairol”, deparamo-nos com um considerável conjunto de aspectos culturais bem demarcados e fundamentais para a compreensão do texto como um todo. Dentro desse universo, citaremos, a seguir, alguns “problemas”, ou, como denomina Araújo (2014), os “nós tradutórios”, que encontramos ao produzir a tradução do conto.

O texto em questão, publicado em 1987, relata a vida de duas mulheres, mãe e filha, que, inicialmente, estão fazendo compras em uma conhecida loja de departamentos estadunidense. A mãe, chamada Arlene, está em busca de uma tinta para pintar seus cabelos e, para isso, conta com a ajuda da filha, Champ. Durante esse passeio na loja, elas conversam sobre várias coisas, e a descrição de cada uma das personagens nos permite identificar quem são essas pessoas, como vivem, a que classe social elas pertencem. Arlene terá um encontro romântico e, ao chegar em casa, começa a se preparar para o grande momento. Ela escolhe a roupa, prepara o banho, se arruma e, finalmente, chega a hora em que um carro vem buscá-la para o encontro.

Verifica-se que o enredo do conto é relativamente simples. Contudo, são os detalhes dos diálogos entre Arlene e Champ, a caracterização do cenário e as alusões aos elementos do cotidiano que dão a forma e o tom ao conto, cumprindo, assim, a função estética do texto

literário. Além disso, o uso de uma linguagem conotativa e polissêmica, que gera uma multiplicidade de interpretações, bem como a utilização de figuras de linguagem e de outros recursos estilísticos tornam o processo de tradução ainda mais complexo e desafiador.

Um dos maiores desafios ou “nós” a que fizemos alusão anteriormente reside no fato de o texto fazer referência a muitas marcas de produtos encontrados na loja, como de absorvente, spray para cabelo, perfumes e tinturas. Diante disso, no momento da tradução, as decisões precisaram ser tomadas considerando cada uma dessas marcas, especificamente. Para se chegar às escolhas feitas na tradução do conto, utilizamos diversos recursos: por exemplo, algumas pistas deixadas pelo texto, como o uso de letra maiúscula para identificar as marcas, o nosso conhecimento prévio daquelas mais conhecidas, e claro, a internet, em especial a ferramenta de busca por imagens disponíveis no Google.

O próprio título do conto “Miss Clairol” alude a uma marca de tintura de cabelo bem conhecida nos Estados Unidos, que também é citada três vezes no conto: no primeiro, segundo e penúltimo parágrafos. A decisão de manter o título original foi feita, considerando que, para efeitos de sentido, essa seria a melhor opção. Contudo, seria inviável simplesmente manter o termo “Miss Clairol” sem contextualizá-lo para o leitor. Dessa forma, inserimos no próprio corpo do texto a informação de que “Miss Clairol” corresponde a uma marca de coloração conhecida nos Estados Unidos e disponível em farmácias e lojas que vendem produtos de beleza, como o Kmart, mencionado no conto.

Em outras passagens do texto, há muitos casos de metonímia, ou seja, ocorre uma substituição do nome do objeto pelo nome da marca desse objeto; a marca, assim, substitui o produto. Temos, por exemplo, “Kotex” sendo usado para designar absorvente, “Aqua Net” para spray de cabelo, “Maybelline” para maquiagem, “Calgon” para cristais de banho, “Campbell” para sopa em lata, entre outros. No caso de marcas conhecidas pelo público brasileiro, como a linha de maquiagem “Maybelline”, mantivemos o nome da marca e não o

do produto. Já em outras situações, como no caso do spray de cabelo, do absorvente e dos cristais, por exemplo, decidimos deixar claro qual produto estava sendo referenciado pelas marcas citadas no conto. Não achamos interessante substituir as marcas citadas no texto original por outras marcas nacionais conhecidas, pois, se o fizéssemos, teríamos que alterar o título também. E, manter o título original era uma premissa que tínhamos em mente. Por fim, para a lata de sopa “Campbell”, mantivemos os nomes do produto e da marca, por considerarmos uma marca conhecida e comercializada no Brasil, como também um produto icônico da cultura estadunidense, principalmente após os quadros de Andy Warhol de 1962.

Outro ponto interessante de se destacar é que o conto “Miss Clairol” tem como cenário uma famosa loja de departamentos chamada “Kmart”, como mostra o trecho a seguir: “Arlene and Champ walk to Kmart. The store is full of bins mounted with bargain buys from T-shirts to rubber sandals.” (Viramontes, 1995, p. 120). Entender o que esse espaço representa e qual o público-alvo dessa loja fornece ao leitor pistas que nos permitem inferir um pouco mais sobre as características de Arlene e Champ, protagonistas do conto. Muitas vezes, existe uma relação entre o lugar que a pessoa costuma frequentar e os comportamentos que ela apresenta, aquilo pelo que ela se interessa, seu estilo de vida. Por isso, não basta apenas citar o nome da loja; é preciso contextualizá-la para o leitor que não possui tal informação e, assim, situá-lo melhor sobre um dos espaços em que a narrativa se desenvolve. A loja Kmart comercializa, com preços bastante competitivos, diversos produtos a varejo, desde itens de vestuário a alimentos, produtos de higiene e beleza, equipamentos eletrônicos, brinquedos e móveis. Ao situar as personagens como clientes dessa loja, Viramontes já nos aponta a situação econômica delas, uma vez que sabemos que o principal público-alvo atendido no Kmart é o de baixa renda. Dessa maneira, optamos por manter o nome da loja no original, sem substituí-lo pelo nome de alguma grande loja de departamento conhecida pelo leitor de língua portuguesa, pois é possível inferir pelo próprio contexto que

tipo de loja Kmart representa. Por outro lado, eliminar o nome Kmart da tradução poderia descaracterizar todo o cenário criado pela autora.

Verifica-se que, no conto, há duas menções ao famoso apresentador de TV estadunidense Jackie Gleason: “[...] Champ’s variety show is over, and Jackie Gleason’s dancing girls come on to make kaleidoscope patterns with their long legs and arms.” (Viramontes, 1995, p. 124) e “Jackie Gleason is a bartender in a saloon.” (*idem*, p. 125). Decidimos manter o nome do apresentador e inserir uma nota explicativa. Apesar de não ser uma figura conhecida do público brasileiro, consideramos inadequado trocar o nome de Jackie Gleason pelo nome de algum apresentador nacional ou, simplesmente, trocar por “dançarinas de um programa de TV”, pois não queríamos correr o risco de subestimar a sua importância no contexto apresentado no conto. Não recorreremos, portanto, ao que Lawrence Venuti chama de “domesticação” em, nomeadamente, *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*.

Outro ponto que merece ser mencionado é quando Arlene, já pronta para o encontro, borrifa um pouco de perfume atrás das orelhas, no pescoço e nos seios. O perfume usado por ela chama-se “Love Cries”. Preferimos deixar o nome original e não apenas traduzir que ela passou um perfume qualquer, pois o nome desse perfume é extremamente relevante para o contexto romântico que está sendo construído. Ou seja, ao se arrumar para esse encontro, passar um perfume com esse nome nos pareceu bastante simbólico a respeito das expectativas de Arlene para a noite. Eliminá-lo, principalmente a palavra-chave “love”, poderia romper com o que a personagem tinha em mente. Além disso, via de regra, os nomes de perfumes raramente são traduzidos. Acreditamos que, ao optar pelo uso de determinadas palavras, no caso, os nomes das logomarcas ou de produtos, Viramontes procurou produzir certos efeitos de sentido a partir de componentes metaforizados, no caso, aqui, com o nome

do perfume. Assim, nossa escolha como tradutoras foi a de garantir, dentro das possibilidades, essa transposição de ideias.

O conto “Miss Clairol” apresenta ainda várias expressões em espanhol, presentes no diálogo entre Champ e Arlene, como, por exemplo, *mija, amá, tú sabes*. Na passagem “Shit, *mija*, I dunno” (Viramontes, 1995, p. 120), ou, ainda, “I hate it, *tú sabes*, when I can’t decide” (*idem*, p. 121), verifica-se que há uma mistura dos dois idiomas (inglês e espanhol) em uma mesma frase. No texto de partida, a autora optou por colocar uma nota de rodapé apontando o significado de uma das palavras em espanhol, no caso “*mija*”, explicando que a abreviação se refere a um termo designado para chamar uma filha, ou uma amiga, de forma afetuosa. Essas marcas no texto refletem o lugar de fala das personagens, de imigrantes que vivem em outro país, no caso, nos Estados Unidos, e de como essas duas línguas em questão (inglês e espanhol) assumem papéis sociais complementares na narrativa. Ao retornar à língua de origem, o que linguisticamente denominamos de *code-switching* ou alternância entre dois ou mais códigos linguísticos, fenômeno bastante comum entre falantes bilíngues, as personagens demonstram que a língua espanhola ainda faz parte do seu cotidiano, recorrendo a ela em momentos de tensão, emoção ou até necessidade de se expressarem com mais clareza ou espontaneidade. O estudioso suíço François Grosjean aponta nove razões que podem levar um indivíduo a alternar as línguas, sendo uma delas a identificação com um determinado grupo (Porto, 2007). Nesse caso, especificamente, parece-nos que mãe e filha apresentam esse ponto de contato. Portanto, ao se expressarem em espanhol, mesmo que com poucas palavras ou expressões, elas estão reforçando sua identidade migrante através de uma linguagem bem coloquial e espontânea dos imigrantes latinos nos Estados Unidos. Nesse sentido, procurando ao máximo manter o padrão do texto original, traduzimos apenas aquelas palavras que seriam muito distantes do português, como *amá, mijá* e *pendejo*. Já para as mais próximas do português, como *sabes, tú sabes* (sabe; você bem sabe), *sabes qué?* (o que

você acha?; sabe de uma coisa?), deixamo-las em espanhol, pois é possível inferir o significado pelo contexto e, também, porque, para algumas, a autora as traduz em seguida, no próprio corpo do texto, repetindo/reforçando, assim, o que pretende dizer nas duas línguas.

Um outro desafio foi a escolha lexical de palavras mais apropriadas para a tradução de determinadas situações pontuais. Pelo fato de o texto original apresentar um tom mais informal, tivemos que realizar escolhas do que melhor poderia se adequar ao texto traduzido, evitando, assim, perdas significativas de sentido. Como exemplo, há um trecho em que Arlene se recorda da primeira vez em que teve relações sexuais e a forma como ela irá contar a sua filha de apenas 10 anos sobre o ocorrido: “She will not tell Champ that her first fuck was a guy named Puppet who ejaculated prematurely, at the sight of her apricot vagina, so plump and fuzzy.” (Viramontes, 1995, p. 124-125).

Assim, ela inventa uma história sobre esse fato e, em seguida, relata como isso ocorreu na verdade. No texto original, temos expressões como “apricot vagina”, “plumb and fuzzy”, e “gooey substance”, que traduzimos, respectivamente, por “vagina que parecia um damasco”, “carnuda e peluda”, e “substância pegajosa”. Tais expressões são mais difíceis de serem traduzidas, uma vez que o tom do texto precisava ser respeitado na tradução para garantir os efeitos de sentido semelhantes. Apesar de a personagem estar relatando um momento íntimo da sua vida, isso não é feito de forma pejorativa. Assim, a escolha lexical para traduzir esses termos precisou acompanhar a ideia de lembrança, de sutileza, sem cair na vulgaridade, na depreciação, porque não era essa a ideia presente no texto. Precisamos, também, levar em consideração o fato de ser um relato de uma mãe para uma filha ainda criança e o cuidado e a preocupação de Arlene ao lidar com essa situação: “[...] ela sabe que Champ terá que passar por uma experiência semelhante, mas pensa que, ao romantizar a

experiência, Arlene será uma boa mãe e aliviará o constrangimento.”¹ (Gradesfixer, 2008, p. 4, tradução nossa).

4. Considerações finais

A tradução por si só é uma atividade humana que requer vastos conhecimentos sobre ambas as línguas e culturas. Por conseguinte, um bom tradutor, em especial de textos literários, precisa antes de tudo ser um bom leitor; afinal, é ele quem vai transpor as ideias, as expressões estilísticas e de conteúdos para uma outra língua. Tentamos fazer, neste trabalho, uma pequena análise reflexiva sobre o processo de tradução, tendo como objeto de análise o conto “Miss Clairol”.

Percebemos que a prática da tradução não é uma tarefa simples, já que o tradutor precisa saber lidar com uma série de obstáculos ou desafios em seu caminho, que o colocarão em uma posição de ter que fazer escolha sobre aquilo que melhor se encaixa no texto a ser traduzido. Além disso, o tradutor precisará ter definido quem será o público leitor do texto de chegada para, assim, poder direcionar melhor o seu trabalho no que diz respeito à produção de sentidos.

Considerando que não é possível fazer uma tradução perfeita, pois toda tradução é parcial, limitada, mas podendo, ainda, ser aperfeiçoada, a experiência de traduzir o conto “Miss Clairol”, de maneira que fosse compreendido pelos leitores da cultura alvo, exigiu muita leitura, pesquisa e trabalho de nossa parte. No caso específico do conto analisado neste trabalho, verificamos que houve a necessidade de detectar quais elementos textuais da obra original precisariam ser preservados e quais precisariam se adaptar à língua de chegada.

¹ “[...] she knows that Champ will have to go through a similar experience, but she thinks that by romanticizing the experience Arlene will be a good mother and ease the awkwardness.”

Assim, traduzimos o conto por meio de uma tradução livre, essencialmente criativa, na qual, pelo processo de substituição, evidenciamos a produção de significados.

5. Miss Clairol

Arlene e Champ caminham para o Kmart. A loja é cheia de prateleiras amontoadas de itens baratos, de camisetas a sandálias de borracha. Elas vão para o corredor 23, o de cosméticos. Arlene, com uma calça jeans boca de sino dois números menores que o seu tamanho, não consegue se abaixar para pegar as embalagens de tintas de cabelo Miss Clairol. Então pede a Champ para ajudá-la.

– Qual delas, *amã*? – pergunta Champ, roendo a unha do polegar.

– Merda, *mija*³, não sei. – Arlene masca o chiclete pensando em qual tinta de cabelo escolher. – Talvez eu precise de uma mudança, *tú sabes*. O que você acha? – Ela mostra alguns de seus fios de cabelos louros com as raízes pretas. A água oxigenada queimara seu cabelo; ele está danificado e com as pontas quebradas. Ela precisa de muito spray de cabelo para pentear e domar esse ninho de rato, para depois enrolá-lo novamente no alto da cabeça. Nos últimos meses, Arlene está bem loura, antes disso usava o vermelho da Miss Clairol. E antes de ficar ruiva, Champ não conseguia nem identificar qual era a cor do cabelo de Arlene – algo entre o laranja e o marrom, como um bronzado de sol. A única maneira de Champ saber a verdadeira cor do cabelo de sua mãe é pelas raízes que, assim como a morte, aparecem, inevitavelmente.

– Odeio isso, *tú sabes*, quando não consigo decidir. – Arlene está usando um top tomara-que-caia rosa. Sua barriga está para fora do jeans de cintura baixa. Ela cospe o chiclete no chão. – Foda-se. – E Champ a segue até as fileiras de esmalte, próximas à prateleira de

² NdT: *mamãe*, em espanhol.

³ NdA: É uma abreviação de *mi hija* ou “minha filha”. É um termo afetuosamente usado por mulheres quando se dirigem a amigas ou a meninas mais jovens.

maquiagens da Maybelline, em frente aos cílios postiços que mais se parecem com insetos expostos em caixas de plástico transparente. Arlene pega uma determinada cor de esmalte, procura pelo preço no fundo da embalagem, coloca-a de volta e pega outra. Ela tem uma tatuagem roxa com o desenho “XXX”⁴ no seu dedo esquerdo, como se fosse um anel. Finalmente decide pelo esmalte de cor púrpura, que Champ acha parecido com a cor das unhas do Frankenstein. Ela analisa suas próprias unhas grossas, mastigadas e roídas.

Caminhando em direção à seção de sombras, Arlene, calmamente, tira outro chiclete do bolso de trás da calça, desembrolha-o e faz uma bolinha com o papel da embalagem. Em seguida, joga-a no chão. Ela masca o chiclete.

– Vovô Ham costumava juntar todos esses papéis de chiclete para fazer uma corrente, – ela diz, pisando na bolinha no chão com suas sandálias de borracha, suas unhas do pé com restos de esmalte velho. – Ele começou uma, *tú sabes*, que foi de quarto em quarto. Isso foi antes de ele enlouquecer – ela diz, olhando o preço da sombra magenta. – *¿Sabes qué?* O que você acha? – Mostra a sombra para Champ.

– Não sei – responde Champ, encolhendo os ombros do jeito que sempre faz quando está escutando outra coisa, como a própria batida do coração, o que Gregório disse ontem ao telefone. Ela encolhe os ombros quando a senhorita Smith diz: OFÉLIA, responde a minha pergunta. Ela está muito ocupada pensando em coisas que as pessoas acham inúteis, mas que ficam nela como um chiclete, como um buraco em uma camisa, como uma tatuagem e, às vezes, ela deseja não ter nascido com tamanha aderência. A corrente de papéis de chicletes foi de quarto em quarto, girando e girando como uma teia, ela lembra. Isso foi antes de ele enlouquecer.

⁴ NdT: XXX significa na língua inglesa que o conteúdo é para adultos e pornográfico.

– Champ, você está escutando? Ou você está no mundo da lua de novo? – Arlene está com as mãos na cintura, irritada, com os nervos à flor da pele.

– Eu disse, eu não sei. – Champ lamenta, ainda olhando para o papel no chão.

– Bem, é melhor você aprender, *tú sabes*, e rápido também. Agora, pense: essa cor vai combinar com o vestido azul da Pancha? – Pancha é comadre de Arlene. Já que Arlene tem um encontro especial hoje à noite, ela lhe emprestou o vestido azul real, que fica guardado em um saco plástico no fundo do guarda-roupa. O vestido é feito de *chiffon*, forrado com um material acetinado, de modo que, quando Arlene o experimentou pela primeira vez, exibiu pura elegância. O vestido estava muito justo. Seus braços rechonchudos se espremiavam nele, os quadris tinham que prender a respiração, e as costuras faziam tudo o que podiam para manter seu corpo dentro do vestido. Mas Arlene não se importava, desde que tudo parecesse bem.

– Eu acho que serve – diz Champ, e Arlene fica muito satisfeita.

– Você acha? Eu também, *mija*.

Elas caminham para a porta giratória e Champ nunca se lembra de ver a mãe pagando a compra.

São quatro da tarde, mas Arlene já está se preparando para o encontro. Ela esfrega a banheira, ouve uma música no rádio, joga cristais de banho na água corrente, e o cheiro de limão sobe com o vapor. Com a porta do banheiro entreaberta, ela tira o sutiã e seus seios caem. Tira a calça jeans com um pouco de dificuldade, chutando-a e entra na banheira.

– *Mija. MIJA.* – Grita. – *Mija*, me dê uns grampos. Ela está preocupada se o cabelo vai frisar e, então, quer prendê-lo.

A voz de Arlene parece fraca porque Champ está no closet. Há pilhas de roupas no chão, cabides torcidos e emaranhados, sapatos empilhados ou jogados no alto da prateleira.

Champ está procurando o vestido especial da mãe. Pancha diz que toda mulher tem um no fundo do guarda-roupa.

– Droga, Champ.

No meio da roupa suja, no buraco negro do armário, ela não encontra nada.

– AGORA.

– Tudo bem, TUDO BEM. Pelo amor de Deus *amá*, para de gritar – diz Champ, entrando no banheiro cheio de vapor. Confere as gavetas, as escovas de cabelo caem, os rolinhos, mechas de cabelo, procura entre as barras de sabonete, pentes, sombras e não acha nada. Abre outra gaveta: pó compacto, frascos vazios de óleo, tesoura de unhas, absorvente, manual de tintas de cabelo amassado e, finalmente, acha alguns grampos.

Depois que Arlene prende o cabelo, ela pergunta a Champ: – *¿Sabes qué?* Devo usar meu cabelo preso? Fico bem assim? – Champ está sentada no vaso sanitário.

– Sim, *amá*, você fica bem bonita.

– Obrigada, *mija* – diz Arlene. – *¿Sabes qué?* Quando você ficar mais velha, vou te mostrar como você pode ficar tão bonita assim – e coloca a cabeça para trás, relaxa, como nos comerciais de produtos para banho.

Champ está deitada de bruços, a TV está ligada em um programa de variedades com dançarinos de pula-pula vestidos com roupas elásticas e brilho. Ela está usando uma das camisetas brancas de Gregório, as quais ele lava e alveja para que a brancura fique impecável. A camiseta cobre seu corpo liso de dez anos de idade como um vestido. Ela está ocupada cortando fotos de modelos de uma propaganda de spray de cabelo da pilha de revistas velhas que Pancha encontrou no fundo da garagem de sua mãe. Champ coleta as imagens das mulheres de cabelos cor de mel, coloca-as em uma caixa de sapatos junto com todas as outras coisas especiais.

Arlene está no banho enrolada na toalha. Ela preencheu as sobrancelhas com um lápis bem fino para que ficassem arqueadas, uniformes, finas e altas. A sombra de cor magenta colore suas pálpebras. A toalha escorrega, revelando o bico de um seio marcado pela queimadura com cigarro. Uma data para esquecer. Arlene enrola a toalha novamente e, gostando de seu reflexo, se olha para dar mais uma conferida. Ela se sente bem, aumenta o rádio para... “seu amor. Por seu amooooor, vou fazer qualquer coisa, vou fazer qualquer coisa, por seu amor. Por seus beijos...”

Champ olha. Pela porta do banheiro aberta, ela pode ver Arlene, ardendo de ansiedade como o cigarro aceso em sua boca, mexendo os ombros para o ahhhh ahhhh, e fazendo beicinho até a música terminar. E Champ gosta de sua mãe assim.

Cuidadosamente, Arlene faz o delineado nos olhos, como um ponto de interrogação, define cada olho. O trabalho é delicado. Sua mão treme com cuidado, ela para a todo momento para verificar como o traçado está ficando. A Arlene do espelho não é a mesma Arlene que está desgastada de outros relacionamentos e que dormiu pouco. O toque final da produção é o batom nude.

Quando ela termina, o cinzeiro está cheio de guimbas de cigarro. O programa de variedades a que Champ estava assistindo termina e as dançarinas de Jackie Gleason⁵ começam a fazer movimentos com suas longas pernas e braços, formando um caleidoscópio. Gregório ainda não está em casa e Champ vai até a janela, olha as casas, as ruas, as esquinas e observa o céu.

Arlene senta no vaso sanitário, esticando sua meia-calça para prender na cinta. Ela se sente bem, pensando na forma como ele vai desabotoar a cinta e ela vai desenrolar a meia-calça lentamente, fazendo ponta com os dedos dos pés.

⁵ NdT: Jackie Gleason foi ator, comediante e apresentador de TV nos Estados Unidos. Fez muito sucesso nas décadas de 1950 e 1960.

Champ abre uma lata de sopa Campbell, encontra uma panela perfeita no meio de um monte de vasilhas, pega-a temendo pelo estrondo da torre de vasilhas. Ela lava a panela, despeja o conteúdo da lata vermelha e liga o fogão. Depois de ferver, coloca a panela na pia para esfriar e pega uma colher.

Arlene é romântica. Quando Champ tiver sua primeira menstruação, ela vai lhe contar coisas que só as mulheres podem saber. Ela vai falar sobre a primeira vez que fez amor com um garoto, sobre seu constrangimento e timidez que fez com que eles fossem para debaixo da casa, onde o chão era fresco e delicado, formando um colchão macio. Ela vai falar de como ela fechou os olhos e se perguntou o que esperar ou como o pênis tinha a pele mais macia que ela já havia sentido, como isso lhe fazia cócegas, procurando um lugar para se conectar. Ela tinha onze anos e seu nome era Harry.

Ela não contaria a Champ que a primeira vez que fez sexo foi com um garoto chamado Puppet, que ejaculou precocemente ao ver sua vagina que parecia um damasco, de tão carnuda e peluda. – *Pendejo*⁶ – ela disse – você me sujou toda. – Ela limpou a substância pegajosa de suas pernas e da barriga com nojo. Correu para casa para contar a Rat e Pancha com sua boca aberta de tanto rir.

Arlene passa talco nas axilas, entre os seios, pega um frasco de perfume *Love Cries* e borrifa atrás das orelhas, do pescoço e dos seios, em nome daquelas músicas melosas, que permitem que eles unam seus corpos até que conseguisse sentir uma saliência na calça dele e, assim, sabia que a noite prometia.

Jackie Gleason é barman. Ele usa uma gravata borboleta preta, um avental branco e está lustrando um copo no bar. Champ está olhando para ele, sentada no raio de luz cinza, comendo sua sopa direto da panela.

⁶ NdT: Pirralho, em espanhol.

Arlene é uma mulher romântica. Ela vai dançar até o vestido de Pancha mudar de cor, ela vai dançar até seu cabelo ficar despenteado, com seu quadril rebolando e tremendo sob um novo par de meias. Ela vai dançar até seu rímel borrar embaixo dos olhos por conta da transpiração do ritual de dança, transformando-se em uma modelo das embalagens da Miss Clairol, e só parando quando for a hora de retornar à fábrica de costura. Hora de esperar pelo próximo encontro, hora de mudar a cor do cabelo, hora de lembrar ou de esquecer.

Champ vê Arlene da janela. Ela quase consegue escutar as meias de Arlene esfregando-se uma na outra. Quase ouve o som do cetim se enrugando quando ela entra em um Dodge azul e branco. Champ grita tchau. Tudo parece correr bem para Arlene, que está muito ocupada tentando abrir a janela do carro para escutar a filha.

Referências

Fonte primária

Viramontes, H. M. (1995). Miss Clairol. In: Castillo-Speed, L. (ed.). *Latina: women's voices from the borderlands*. Touchstone Books. pp. 120-125.

Fontes secundárias

Britto, Paulo Henriques (1999). Tradução e criação. *Cadernos de tradução*, [s. l.], v. 1, n. 4, pp. 239-262. <https://doi.org/10.5007/%25x>

Eco, U. (2007). *Quase a mesma coisa: experiências de tradução*. Trad. Eliana Aguiar. Record.

Franco de Araujo, L. B. A. (2014). Os percalços da tradução literária: a busca pelo sentido através e além da palavra. *Cadernos do CNLF*, v. XVIII, n.10, pp. 153-167.

Gradesfixer (2008). Viramontes' "Miss Clairol": cultural perspectives and standards of beauty. Disponível em: <<https://gradesfixer.com/free-essay-examples/viramontes-miss-clairol-cultural-perspectives-and-standards-of-beauty/>>.

Pinheiro de Souza, José (1998). Teorias da tradução: uma visão integrada. *Revista de Letras*, [s. l.], v. 1/2, n. 20, pp. 51-67.

Porto, R. S. (2007). Os estudos sociolinguísticos sobre o *code-switching*: uma revisão bibliográfica. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, [s. l.], v. 5, n. 9, pp. 1-22.

Venuti, L. (2019). *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo. Editora UNESP.